



## GT 34. Ensinar e Aprender Antropologia

### Coordenador(es):

Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Guillermo Vega Sanabria (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

### Sessão 1 - Ensinar e aprender antropologia e a educação básica

**Debatedor/a:** Ana Pires do Prado (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

### Sessão 2 - Ensinar e aprender antropologia em diversos contextos de formação profissional

**Debatedor/a:** Amurabi Pereira de Oliveira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

### Sessão 3 - Ensinar e aprender antropologia nas ciências sociais

**Debatedor/a:** Grazielle Ramos Schweig (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

É notável a expansão que nos últimos anos a Antropologia no Brasil alcançou junto às mais diversas formações universitárias e não universitárias, e o incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação. Porém, ainda é necessário um debate profundo em torno das particularidades do ensino e do aprendizado de ser antropólogo. O processo formativo em antropologia passa por uma reflexão sobre a relação entre ensino e aprendizagem, mas também por uma análise sobre questões centrais na definição da própria disciplina, como a relação entre teoria e métodos. Tais discussões são fundamentais para compreendermos os rumos da Antropologia como ciência. O presente Grupo de Trabalho visa analisar estas questões, com foco na formação de antropólogos e de “não antropólogos”, discutindo as diversas inserções da antropologia em espaços formativos. Buscamos refletir em torno do lugar do ensino e da aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos para sua realização. Também nos interessa o aprofundamento nos fundamentos históricos, epistemológicos, teóricos e pedagógicos do ensino e da aprendizagem de antropologia, para que possamos propor desenvolvimentos didáticos para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), assim como de cientistas sociais, profissionais da saúde, professores e outros profissionais que se beneficiam do conhecimento antropológico. Igual atenção merece o ensino e a aprendizagem da disciplina na educação básica.

### **Antropologia em tempo e contratempo: experiências pedagógicas através de apropriações e sentidos conferidos a textos de antropologia com alunos do curso de história da UFMA**

**Autoria:** Luiz Alberto Alves Couceiro (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

De 2014 a 2016, lecionei Antropologia para o curso de graduação em História, na UFMA, em duas disciplinas obrigatórias: Introdução à Antropologia e Antropologia Cultural. Assumi ambas para as mesmas turmas, em work programado para dois semestres seguidos, oferecendo amplo conteúdo de antropologia, para além das tradicionais apresentações gerais sobre etnografia como teoria e método e as assim chamadas “escolas” teóricas. Na escolha das interfaces didáticas nas aulas, me vali do fato de ter feito graduação em História e conhecer autores da historiografia internacional que, de modo pioneiro, operaram com teorias e conceitos desenvolvidos por antropólogos, por exemplo: a “longa duração” de F. Braudel, a micro-história protagonizada por C. Ginzburg, o “making of” de E. P. Thompson. Trabalhei com a turma a partir do fato de antropólogos também estudarem formas de construção social do tempo, como B. Malinowski e a duração do kula, E. Evans-Pritchard, e a cronologia circular dos Nuer, e os mais recentes, como o de A. Gell sobre mapas e A. Tsing e o cultivo, comercialização e consumo de cogumelos. Falar em tempo na antropologia remete ao debate sobre indivíduo e sociedade, conforme se vê em O. Lewis, G. Velho e C. Eckert, e às perspectivas pós-



sociais, com M. Strathern, C. Toren e N. Rapport, todos eles relembrando as discussões de G. Simmel. Na sua formação básica, o mais importante para o historiador é compreender a ideia de tempo, trabalhando sempre para fugir de anacronismos, um primo do etnocentrismo, segundo C. Fonseca. Assim, lecionei os textos por leituras coletivas em sala e permanente conexão entre ambos àqueles conceitos. Incentivei as experiências d@s alun@s e suas leituras pragmáticas dos textos, desejando saber quais os sentidos que a eles conferiam na construção de reflexões sobre a percepção das temporalidades. Parti do entendimento de V. Crapanzano sobre tal processo sempre estar envolto à mediações, como a relação entre professor e alun@s, e entre el@s mesm@s. Nesse work, exploro essas experiências de ensino-aprendizagem na produção de discursos como experiências etnobiográficas, seguindo M. A. Gonçalves. Através das aulas sobre dois textos específicos, pergunto: como @s alun@s leram a interpretação de E. Leach sobre o mito de Cronos, deus grego do tempo? Qual foi o lugar de suas experiências existenciais e cotidianas de tempo através do que C. Lévi-Strauss define por sincronia e diacronia? As respostas estão em construção, partindo da investigação das interpretações coletivas daqueles textos de antropologia, de como @s alun@s conferem sentido aos argumentos e pesquisas dos autores, seus mecanismos de apropriação, através de seus códigos de significação e de conduta moral.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: